

A INGENUIDADE IRRESPONSÁVEL DE BARACK OBAMA

(Um Dilema que Não Poderia Existir)

Reis Friede ¹

“Na minha frente existiam dois caminhos (...) e eu trilhei por um deles (...) e isto fez enorme diferença (...)”

ROBERT FROST
(in “O Caminho que não Escolhi”)

A suposta “*negligência benigna*” de BARACK OBAMA está cedendo lugar, a passos largos, para uma verdadeira “*ingenuidade irresponsável*” no que concerne à política norte-americana de não proliferação de armas estratégicas para o Irã, em especial, e para o Oriente Médio, como um todo.

Não há qualquer dúvida razoável que indique que o Irã não está desenvolvendo um arsenal nuclear com capacidade estratégica. Muito pelo contrário, este País Islâmico, de nítida feição radical xiita, cumpre destacar, não somente testou e já incorporou ao seu arsenal Mísseis Balísticos de Alcance Intermediário (IRBM’s), como também já adquiriu, de seus parceiros comerciais russos, Submarinos, movidos a diesel, classe Kilo (SSK), com possível capacidade adaptada (em desenvolvimento) de lançar Mísseis Balísticos ou de Cruzeiro (SLBM / SLCM’s), - a exemplo do que tem feito Israel com os Submarinos alemães classe Dolphin (já operacionais) -, e avança, à luz de todas as evidências, para o rápido desenvolvimento de Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBM’s), com reconhecido auxílio técnico norte-coreano, todos estes a serem futuramente dotados de ogivas nucleares.

Não se trata, portanto, da existência de dúvidas *quanto* às evidentes intenções belicistas iranianas, mas, ao reverso, de *quando* esta Nação terá todo o seu sistema estratégico-nuclear plenamente operacional, com capacidade de atingir, inclusive, o território dos EUA, e, mais do que isto, do elevadíssimo risco dessas armas, em versões portáteis e simplificadas, caírem em mãos de terroristas fanáticos, fomentados e orientados (direta ou indiretamente) pelas lideranças (ou parte delas) iranianas, com consequências inimagináveis

¹ Desembargador Federal e ex-Membro do Ministério Público. Mestre e Doutor em Direito e Autor de mais de 30 obras sobre Direito e Segurança Internacional.

para a segurança da Sociedade Americana, em particular, e Democrático-Occidental, de modo geral.

Não há como deixar de reconhecer que o Irã tem sido, especialmente, hábil - e, mais uma vez, demonstra claramente esta notável capacidade -, em ganhar precioso tempo para o desenvolvimento de *tecnologia atômica bélica*, enquanto *simula*, com maestria, negociar com o Occidente, iludindo, particularmente, os EUA, com *promessas vagas* e *compromissos* de pouca ou nenhuma efetividade prática.

Mesmo sob intensa pressão externa, cumpre registrar, o Irã tem apenas sinalizado, com um controvertido acordo, junto a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica), que *reduziria* (porém não *eliminaría*) sua almejada capacidade de produzir armas nucleares, ao prever textualmente que Teerã envie 75% (e não 100%) de seu urânio de baixo nível de enriquecimento à Rússia e à França que, em seus respectivos territórios, completariam o processo, reexportando o material pronto, para pretensão uso pacífico, ao Irã.

Segundo muito bem adverte MEIR LITRAK, “(...) *este acordo se encontra distante de ser o melhor compromisso, porque os iranianos poderão continuar a produzir urânio (...); e o problema apenas seria adiado*”, ao passo que o mesmo, sob a ótica dos reais interesses (escusos) dos Aiatolás, consoante preleciona YOSSI MELMAN, “*acabaria por remover qualquer justificativa para um ataque imediato aos locais nucleares iranianos*”, como, em essência, deseja Teerã.

Neste contexto analítico, parece-nos, portanto, obrigatório concluir que somente existe um *acordo* possível, ou seja, aquele que, através de termos e compromissos inequívocos (e perfeitamente comprováveis), *encerre*, em definitivo, o programa nuclear iraniano, com todas as suas inevitáveis consequências, considerando que qualquer outro tipo de *ajuste* sempre permitirá um *programa paralelo secreto* que inevitavelmente conduzirá, mais cedo ou mais tarde, ao desenvolvimento e à aquisição de armas nucleares por parte do renascido Império Persa.

Com o propósito de se construir uma melhor *cognição contextualizante*, cumpre, ainda, destacar recente pronunciamento do Secretário de Defesa ROBERT GATES, para quem “*o único meio de não ter um Irã nuclear é fazer o governo iraniano entender que sua segurança diminui ao possuir tais armas, em vez de reforçá-la*”. Tal afirmativa, surpreendente em seu âmago, à luz de todas as evidências, não resta apenas absolutamente *incorreta*, mas, com toda certeza, totalmente *desconectada* com qualquer lógica argumentativa razoável.

É por demais evidente que as lideranças iranianas, infladas de extremistas (ou simpatizantes), sabem muito bem que, ao contrário desta percepção ingênua, o peso relativo (e a própria estabilidade política) do regime xiita (e seu correspondente prestígio regional e mesmo internacional) aumentará imensamente com a posse de armas termonucleares e seus respectivos meios de lançamento estratégicos.

Pensar de modo diverso, expressa não somente uma autêntica e preocupante *dissonância cognitiva*, como ainda materializa um absurdo hiato entre o *desejo projetativo* e a *realidade observável*, posto que não há qualquer divergência significativa, entre os mais sérios e respeitados especialistas em segurança internacional, no sentido de que a única forma efetiva de não ter um Irã nuclear é impedir, - inclusive, se necessário, com o emprego do poderio militar aeroespacial norte-americano -, que este País obtenha tais armas.

Não obstante seja cediço reconhecer que todo *erro* de política externa norte-americana enseje, tenha ensejado e venha a ensejar consequências irreversíveis para esta Nação, - não somente em termos de projeção do poderio militar, mas também (e fundamentalmente) de credibilidade política frente à Comunidade Internacional -, cumpre destacar, por oportuno, neste diapasão analítico, que *ter errado* no *Iraque* (em que se acreditou equivocadamente existirem armas de destruição em massa com potencial nuclear), - mesmo com o preço da perda de mais de 5.000 soldados -, foi (e continua sendo) muito menos gravoso do que *ter errado*, alguns anos antes, no muçulmano e instável *Paquistão* (onde absolutamente nada se fez para impedir o acesso à tecnologia e a incorporação, em seus arsenais, de Mísseis Balísticos dotados de ogivas nucleares, com graves riscos de serem os mesmos, direta ou indiretamente, desviados para os mais diversos “*terroristas de plantão*”) e, mais recentemente, na *Coréia do Norte*, com riscos assemelhados.

Ainda que se possa afirmar, em contraposição crítica, que estas questões, em grande medida, pertençam ao “*passado*”, elas correspondem necessariamente a importantes lições que jamais podem ser esquecidas e, neste sentido, resta imperativo registrar, - com toda necessária ênfase -, que, simplesmente, não há espaço, *ipso facto*, para *errar* no Irã.

Por efeito consequente, o *dilema* que supostamente se apresenta (e que, ao que tudo indica, tem paralisado as ações estadunidenses e, especialmente, seu gigantesco poderio militar) não pode ingenuamente incluir, no presente momento, a hipótese de *não agir*, mas apenas (e restritivamente) a de *como agir*, seguindo, neste sentido e sem mais espaços para a presença de verdadeiras *dissonâncias cognitivas*, os importantes, - e sempre atuais -,

mandamentos do Gen. GEORGE PATTON, para quem “*a passividade sempre foi, ao longo da história, uma prescrição para a derrota*”.